

Tensões entre o antigo e o moderno: memória, cacau e minério no Sul da Bahia

Valdineia Oliveira dos Santos* e Rute Oliveira dos Santos**

Palavras-chave:
Memória
Fazendas de cacau
Mineração
Cultura

Resumo: Esse artigo tem como propósito discutir memória e cultura na região sul do estado da Bahia partindo da problemática que se formou em torno da implantação de uma empresa de minérios em terras, que antes abrigavam a agricultura familiar e a produção de cacau. Entre os anos de 1890 e 1930 essa região foi totalmente dedicada ao cultivo do cacau, no presente vê-se que os elos com esse passado já se rompeu e as fazendas de cacau tornaram-se “lugares de memória”, segundo a acepção conceitual do teórico Pierre Nora. A instalação dessa empresa metamorfoseou o espaço rural e alterou suas relações sociais e culturais provocando mudanças substanciais à economia urbana local e microrregional. Portanto, trata-se de uma análise que focaliza as reelaborações socioculturais após mudanças na estrutura produtiva no espaço rural.

Keywords:
Memory
Cocoa Farms
Mining
Culture

Abstract: This article aims to discuss memory and culture in the southern state of Bahia, leaving the problem that has formed around the deployment of a company of ores on land that once housed the family farm and cocoa production. Between 1890 and 1930 the region was fully dedicated to the cultivation of cocoa, in this we see that the links with the past that have ruptured and cocoa farms have become “places of memory” according to the conceptual meaning of the theoretical Pierre Nora. Installing this company metamorphosed the countryside and changed its social and cultural relations causing substantial local and micro-regional urban economy changes. Therefore, it is an analysis that focuses on the socio-cultural reworkings after changes in production structure in rural areas.

Recebido em 31 de outubro de 2014. Aprovado em 30 de dezembro de 2014.

No Brasil contemporâneo, coexistem temporalidades múltiplas, a aceleração dá a tônica do modo de vida nas cidades, a instabilidade das relações sociais, a incerteza e a pressa caracterizam o que Zigmund Bauman (2000) define como “modernidade líquida”, adaptado com os resquícios da ruralidade, que sobrevive em diversos aspectos da vida urbana: na feira livre dos bairros, nas barracas de beiju da esquina, nas grandes festas populares, em diversos ritos e costumes que se mantêm no cotidiano, viceja um quadro de flagrante ambivalência e ritmos desiguais que caracterizam o desenvolvimento socioeconômico do Brasil e que é definido por José de Souza Martins (2008) como “modernidade anômala”. Esse autor afirma que a modernidade traz uma perspectiva sobre o progresso, em que a vida rural e seus costumes ficam relegados como elementos periféricos, por força dos ideais de civilização impostos pelo capitalismo industrial.

Não devemos esquecer que esse é um país cujas raízes estão fincadas no campo, passamos por

um processo de industrialização tardia, até a década de setenta a maior parte da população morava em fazendas, e as fronteiras entre as zonas rural e urbana eram bastante fluídas. A respeito dessa proximidade, que delinea o processo histórico brasileiro, existe um longo estado de desconhecimento no que diz respeito aos sujeitos do mundo rural, seus modos de vida e acervo de memória. As populações que migraram para cidade passaram pela experiência da desterritorialização e adaptação à vida urbana. Essa contingência de tensão entre o antigo e o novo na identidade cultural, por força do processo de evasão campo/cidade, é que constitui o objeto de reflexão para este artigo.

O município de Itagibá atualmente pertence à região de identidade do Médio Rio das Contas, mas antigamente pertencia a Zona Cacaueira da Bahia. Essa região se particularizou em âmbito nacional por ter sido configurada territorialmente através da monocultura cacaueira, que teve seu melhor momento entre os anos de 1890 e 1930, até o seu declínio a partir do final da

* Mestre em Memória, linguagem e sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

** Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Santa Cruz.

década de 1980. Esse município possui em seu subsolo riquezas minerais de suma importância para a economia global. Essa descoberta ocorreu em função de pesquisas na área mineral realizada através da Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM). Assim, o níquel foi descoberto em Itagibá, situado na Fazenda Santa Rita e passou a ser explorado pela empresa Mirabela Mineração do Brasil LTDA, que é controlada por um grupo australiano (Tribuna da Bahia, jan. 2008), que foi autorizada a explorar as jazidas em outubro de 2003 com previsão de exploração de aproximadamente 15 anos. É uma mina com grande potencial produtivo e se expande sobre uma área de 805 hectares, com previsão de produzir 47 milhões de toneladas de minério, com teor médio de 0,62% de níquel (Rima, ago. 2006).

Com a instalação da Mirabela, a mídia e os órgãos governamentais criaram um discurso que despertou expectativas em torno da mineração como revitalização para a economia local e microrregião. A inserção dessa empresa trouxe dinamismo econômico para o comércio local, especialmente os setores de serviços, melhorias sociais como emprego com carteira assinada, plano de saúde, cursos de qualificação profissional, além da atração de empreendimentos terceirizados e implementação na infraestrutura, como construção de pontes, estradas, aumento na distribuição de energia elétrica e investimentos no setor público e financiamentos de projetos sociais. Dessa forma, a população a aceitou com otimismo e euforia.

Aliada a essa realidade de transformações sociais, existem as transformações culturais, pois o município de Itagibá foi formado a partir da expansão da lavoura cacauera no Sul da Bahia. Assim, todos os agricultores que habitavam a área rural deste município eram cacauicultores tradicionais. Com a implantação da atividade mineraria houve um movimento de expulsão e, por conseguinte, a desterritorialização desses agricultores que migraram do campo para a cidade levando as vivências da roça como conteúdo da memória. Até o final da década de 1980, o modelo desenvolvimentista para a região se relacionava ao setor agrícola, havia todo um discurso em torno do cacau como portador do progresso. Consoante a isso, o Sul da Bahia especializou-se em um único modo de produção para atender ao mercado

externo, tornou-se homogeneamente ruralizado e com alta concentração de terras e de renda nas mãos dos coronéis do cacau.

Cada região do Brasil já foi especializada em um único produto agrícola para atender ao mercado interno e externo, quando se tratava de uma colônia, o governo português orientava as necessidades dessa produção, demandando a monocultura da cana, mandioca, gado, tabaco etc. Quando o país deixou de ser colônia de exploração, a economia de mercado passou a ser o parâmetro para as atividades agrícolas regionais. Nas terras devolutas da região sul da Bahia a monocultura cacauera foi preponderante por quase dois séculos. Nesse longo estado de convivência com a cacauicultura as pessoas criaram um acervo de memórias compartilhadas que definia a identidade dessa região como zona cacauera da Bahia.

No período em que a riqueza gerada pelo cacau foi comparada ao ouro viveram os já lendários coronéis do cacau, pessoas personagens, que fizeram a dinâmica histórica dessa região ficar conhecida não só nacionalmente, como internacionalmente, através da ficção de Jorge Amado, em livros como *Terras do Sem Fim* (1943), *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Tocaia Grande* (1988) e *Cacau* (1933). Além da literatura, telenovelas¹, teatro, pintura e músicas, pesquisas acadêmicas contribuíram para difundir tanto o imaginário quanto a história desse lugar. O longo tempo em que a população sul baiana viveu nesse espaço de fronteira agrícola, convivendo cotidianamente com a produção cacauera, consolidou uma memória e identidade em comum, o tempo e as vivências fixaram na memória “a cultura cacauera”. As especificidades da cultura dessa região se tornaram amplamente conhecidas através da literatura de Jorge Amado, principalmente em *Terras do Sem Fim* (1943), que apresenta os coronéis do cacau em disputa pelo domínio das terras do sul da Bahia. Sobre a atuação desse autor na produção do conhecimento sobre a região sul da Bahia, Durval Muniz Albuquerque Junior (2009, p 245) afirma: “será a própria obra de Jorge Amado uma das responsáveis pela inclusão da região do cacau na geografia imaginária da Bahia”.

Ao andarmos pelas estradas dessa região, vemos ao longo das rodovias, as sedes das fazendas de cacau, com suas casas entre o simples e o imponentes. São

marcos para a memória local, unidades de produção de cacau e cultura, que foram construídos socialmente por trabalhadores e fazendeiros, muitos deles migrantes cujos caminhos se cruzavam na busca por uma vida melhor. Além de espaços históricos, essas fazendas de cacau são monumentos, pois se constituem em um suporte para a memória coletiva. Segundo a acepção de Jacques Le Goff (1990, p. 462), “o *monumento* tem como característica, o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas”. A sociedade sul baiana tem seu processo histórico-social ligado a esses monumentos, na medida em que são uma referência para a compreensão sobre um passado *áureo* em que essa região foi a maior produtora de cacau do país.

Pierre Nora (1993) defende que na contemporaneidade experimentamos uma sensação de aceleração da história, que seria a distância entre a memória verdadeira compartilhada pelas sociedades primitivas e tradicionais e a história que é o que temos agora. As culturas se entrelaçaram com a globalização e, nesse ínterim, as identidades locais se diluem, temos um sentimento de ruptura com o passado e uma memória que foi esfacelada. Nesse ínterim, a memória torna-se residual aos lugares e se materializa em “*lugares de memória*”. Esse conceito elaborado por Pierre Nora designa lugares onde o passado está cristalizado. Nesse sentido, as fazendas de cacau tornaram-se: “lugares de memória” a partir de suas definições: “só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica” (NORA, 1993, p. 21).

Esse passado, ainda vivido na memória contemporânea, mantém-se materializado nas edificações das antigas fazendas de cacau e se comunicam com os sujeitos no presente provocando um sentimento de identificação através de uma *Memória Coletiva*. Esse termo foi criado por Halbwachs (2006) e afirma que a memória individual é criada a partir das interações sociais dos indivíduos, ou seja, nasce do convívio e das teias de reciprocidade social que os indivíduos estabelecem em sociedade. Portanto, ela é resultado de uma operação coletiva e, sobretudo, da seleção que o grupo faz sobre os acontecimentos do passado e que cultiva como sua imagem, sua identidade. O autor sublinha o caráter polifônico da memória, enfatizando a participação do grupo na elaboração das lembranças, pois para acessar

um conjunto de memórias sempre nos apoiamos no testemunho dos outros. Em suas palavras: “só lembramos se nos colocamos no ponto de vista de um ou muitos grupos e nos situamos em uma ou muitas correntes e pensamento coletivo” (HALBWACHS, 2006, p. 41).

Dessa maneira, Halbwachs (2006) destaca a importância do grupo social para constituição e manutenção da memória. A seu ver a função de lembrar se dá “como se estivéssemos diante de muitos testemunhos”. Nesse sentido, as pessoas se lembram enquanto participantes de uma comunidade afetiva, e se esquecem na medida em que se distanciam do grupo com o qual convivem, porque deixam de compartilhar uma memória em comum.

Esse sentimento de unidade territorial e cultural é a perspectiva adotada por este artigo para compreender a identidade dessa região, uma vez que, no ambiente das fazendas foram produzidos, além de cacau, hábitos, valores e costumes em comum. De acordo com Le Goff (1990, p. 477), “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva”. Portanto, é a partir da memória coletiva delineada pelo cacau que os sujeitos dos sul da Bahia desenvolveram um sentimento de identidade. Nas fazendas maiores, trabalho e vida cotidiana se entrelaçavam, entre casas, roças, fontes d’água, armazém, escola e capela, os caminhos dos moradores da zona rural se cruzavam, por entre as fazendas no entorno numa dimensão de proximidade e vizinhança. Havia uma convergência entre a moradia e local de trabalho que articulava as interações cotidianas.

A respeito dessa ligação entre os sujeitos, a memória e o lugar, Maurice Halbwachs (2006, p. 170) sublinha que “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial”. Dizendo isso, ele indica que a memória tem como pano de fundo as imagens do espaço vivido, de tal modo que sempre que nos lembramos do passado, nos reportamos, inicialmente, ao local em que estas memórias aconteceram. Portanto, existe uma relação intrínseca entre o grupo social e o lugar, cria-se uma relação social entre os membros de um grupo, quando vivem em um mesmo espaço por longo tempo.

Ao pensar numa fazenda de cacau, frequentemente nos detemos sobre os aspectos relacionados à sua funcionalidade econômica, entretanto

ao analisar a relação afetiva entre as pessoas e o espaço geográfico Yi Fu Tuan (1983, p. 198) afirma haver uma diferença pontual entre o espaço e o lugar: “O lugar é um mundo de significado organizado”. O que equivale a dizer é que a área agrícola destinada ao plantio de cacau não se confunde com o lugar onde as pessoas constituem a coexistência cotidiana.

quanto dos empregados está disposta uma ao lado da outra. Nessa avenida, localiza-se a casa-sede, moradia do dono da fazenda, as casas para os trabalhadores, barcaça² para secagem e a estufa³.

Conforme é possível observar na Figura 1, nas fazendas de cacau há uma confluência entre vida e trabalho. A casa de sede e casa dos trabalhadores se

Figura 1 – Fazenda Casa Branca



Fonte: Trabalho de campo – Dezembro de 2013.

A presença dos grupos sociais altera a paisagem, humanizando-a, singularizando os espaços com o qual os sujeitos sociais constituem uma relação identitária relacional e histórica, transformando o espaço em lugar vivido e apropriado culturalmente. É preciso compreender as fazendas de cacau como uma simbiose entre espaço físico e simbólico. Os indivíduos se entrelaçam com o espaço através de ações simbólicas tornando-o um lugar apropriado pelo viver. O autor Euclides Neto (2002) que em seu Dicionário das roças de cacau e arredores, já aponta para uma cultura desenvolvida na região cacauífera, que é tão forte e específica daquele grupo social a ponto de produzir uma alimentação, vestuário e, principalmente, linguagem própria, seu dicionário traz as palavras que são utilizadas em um vocabulário que é comum na região.

As grandes fazendas de cacau têm uma arquitetura predominante: a disposição das instalações e das casas da sede são, na maioria das vezes, em formato de uma avenida, em que tanto a moradia do fazendeiro

confundia com os lugares de estocagem e secagem do cacau. O trabalho na roça e as atividades do cotidiano transcorriam no mesmo espaço. O que chama a atenção é a visibilidade sobre os trabalhadores já que estão todos muito próximos; prevalecia às sociabilidades típicas da vida rural, como as visitas aos vizinhos, às conversas no terreiro, a ajuda nos momentos de necessidade etc., havia também diversas formas de interações sociais, sambas, rezas, ladainhas, carurus etc., um sentimento confortável de que pertenciam a um passado em comum e, sobretudo, a sensação de não estar só, posto que havia um elo, uma conexão fixada pela memória. O cotidiano envolvia uma rotina cíclica de trabalho na roça e expectativa em relação à safra de cacau, mas ao final do dia, quando voltavam da roça, as pessoas iam para as suas casas, ali mesmo na fazenda. Em se tratando das propriedades menores, de cunho familiar, Milton Santos (1957, p. 51) as descreve da seguinte forma: “Quando as propriedades são pequenas, as chamadas roças ou buraras, médias ou não muito grandes, o proprietário quase sempre presente, ao lado

de sua única e elementar barcaça constrói a sua casa e a dos seus trabalhadores”.

Essa descrição reflete a realidade cotidiana do médio agricultor do cacau, ele convive diariamente com a produção, sua vida estava ligada ao espaço da fazenda e as etapas de plantio e colheita.

Transpondo essa realidade para Itajibá, os depoentes afirmaram que com a venda das terras e posterior migração para cidade, essa convivência harmônica foi rompida. Os laços entre os vizinhos foram construídos através do tempo e sustentados pela aproximação entre o lugar de habitação e trabalho. Destaca-se que na cacauicultura os trabalhadores possuíam um rico acervo de conhecimentos sobre cada etapa da atividade que, em resumo, são: ir para roça bem cedo, levando o almoço na marmita, muitas vezes acompanhado dos filhos e mesmo da mulher, é em grupo que cortam o cacau com o podão⁴, bandeiram⁵, quebram o coco, retiram a amêndoa, ali mesmo na roça enquanto cantam e conversam é que colocam o cacau em caixas ou cestos e transportam para a barcaça⁶, em seguida é fermentado, fica exposto ao sol na barcaça para secar, depois de seco é colocado em sacas que são costuradas manualmente, por fim é pesado em grandes balanças para saber o total de arrobas⁷. Essas etapas da produção não estavam contidas em manuais, nem contavam com o apoio técnico profissional, são os trabalhadores que preservaram na memória os saberes sobre a atividade cacauera e passam seus ensinamentos para os mais novos.

Havia um conjunto de comportamentos enraizados pelo tempo e convívio em comum. No momento em que a empresa Mirabela do Brasil implantou suas atividades nesse espaço rural, houve uma apropriação da cultura pela lógica do capital, surgiu um cenário de ruptura da memória tradicional em função das demandas impostas pelo mercado. Agricultores que deixaram suas terras e seu modo de vida narram situações de traumas, desilusões, já outros que tinham mais qualificação se adaptaram ao novo setor produtivo. Nessa realidade, os sujeitos se veem no momento de articular novas estratégias de vida, porque o espaço dessa região foi reconfigurado, ressignificado como minerador.

Considerações finais

Em Itajibá, no estado da Bahia, o espaço geográfico e o lugar de viver foram modificados por meio da dinâmica produtiva capitalista. A chegada da atividade de extração de níquel na cidade instaurou a coexistência de uma dupla realidade: os agricultores remanescentes da tradicional lavoura cacauera passaram a conviver com a implantação da atividade moderna de mineração. Assim, no momento se assiste a uma importante mudança na configuração econômica e no modo de vida desses agricultores, rearranjos espaciais e estratégias de sobrevivência, pois, com a atividade cacauera, as pessoas viviam em consonância com o meio natural e daí tiravam seu sustento.

Notas

1 Gabriela e Renascer foram telenovelas exibidas pela rede globo de televisão nos anos (1975) e (1993) respectivamente.

2 Instalação para secar cacau, que vem mole da roça ou passado pela estufa, quando estia o tempo. Não tem chapa é substituído pelo sol; o telhado coberto com longas folhas de zinco ou alumínio, baixinho. In: EUCLIDES NETO. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. Ilhéus: Editus, 2002.

3 Construção onde é secado o cacau. No piso em terra batida, ladrihado ou cimentado. In: EUCLIDES NETO. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. Ilhéus: Editus, 2002.

4 Podão – Pequena foice preso à extremidade de uma vara.

5 Bandeirar – Juntar as cabaças de cacau em pequenas rumas que depois são levadas à pilha maior, onde são quebradas e descaroçadas.

6 Barcaça – Instalação para secar o cacau, que vem mole, da roça ou passado pela estufa, quando estia o tempo.

7 Corresponde a 15 quilos.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora Unicamp, 1990.

NETO, Euclides. **Dicionareco das roças de cacau e arredores**. Ilhéus: Editora Editus, 2002.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

ROCHA, Lurdes Bertol. **A Região Cacaueira da Bahia** – dos coronéis à vassoura-de-bruxa. Ilhéus: Editora Editus, 2008.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 2008.

_____. **Zona do cacau**. Introdução ao Estudo Geográfico. Companhia Editora Nacional. 1957.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.